

## **PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO NO DISPOSITIVO ESCOLAR: UM ENTENDIMENTO FOUCAULTIANO SOBRE O TDAH**

Diogo Hersen Monteiro; Gilmar de Magalhães Couto  
Orientador: Professor Doutor Marcos Antonio Carneiro da Silva

*Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro*

### **Introdução**

O presente estudo, ainda em andamento, faz parte de uma pesquisa mais ampla, vinculada ao Grupo de Trabalho Medicalização na Educação (GTMED), que integra o Laboratório de Estudos em Educação do Corpo (LABEC), da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ), que vem desenvolvendo estudos, com fundamento na obra de Michel Foucault, a respeito do processo de medicalização nos diversos níveis e modalidades de ensino, no município do Rio de Janeiro.

As reclamações por parte de integrantes da equipe docente, relacionadas ao mal comportamento das crianças em nossas escolas, tornou-se recorrente e vem encontrando eco na proliferação de diagnósticos de supostos transtornos. Atitudes que há algum tempo seriam entendidas como indisciplina, vêm sendo enquadradas não somente como distúrbios, mas, em alguns casos, também como doenças e, por isso, passíveis de serem medicadas.

Invariavelmente, o caminho percorrido desde a reclamação/deteção até o diagnóstico e o respectivo tratamento se repete: os professores visualizam as atitudes e se queixam dos alunos com problemas de aprendizagem e/ou mal comportamento; a equipe pedagógica passa a observar esses alunos, seguindo critérios psicológicos pré-estabelecidos; então, a família é chamada a intervir, sendo orientada a providenciar o encaminhamento desses alunos a algum tipo de serviço com atendimento especializado, no qual a criança é diagnosticada como tendo algum tipo de transtorno, passando a ser submetida a partir desse diagnóstico, na grande maioria dos casos, a tratamentos medicamentosos. Destaca-se nesse processo, o aumento dos diagnósticos relativos ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), geralmente acompanhado do uso prolongado do Metilfenidato.

A criança indócil, aluno problema, indisciplinado ou incorrigível, ou seja, todos aqueles que não se submetem ao controle educacional foi e ainda é tema de debates calorosos na área da educação e em outras áreas. O que está em jogo afinal? Quais saberes e poderes circularam e ainda circulam nessas relações?

Para Foucault, mais interessante do que a imposição de disciplinas e conceitos, seria a possibilidade do entendimento das diversas tramas das relações de poder, passando, assim, a possibilitar possíveis movimentos de mudança, pois estaria mostrando “às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam; que elas tomam por verdade, por evidência alguns temas que foram fabricados em um momento particular da história” (FOUCAULT, 2006, p.295)

As pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre o processo de deteção, acompanhamento e diagnóstico de alunos com Transtornos do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), estão sendo realizadas a partir das representações mapeadas através de levantamentos da literatura produzida na área da educação e de outras áreas afins, o que denominaremos de estudos psicopedagógicos (psicologia, psiquiatria, pedagogia etc.). Nessas análises encontramos indícios de que esses “transtornos” são fatos sociais e não enfermidades.

Um dos nossos objetivos é verificar se o conceito de estado desenvolvido por Foucault pode ser aplicado ao TDHA. E uma outra; identificar os estigmas empregados nas práticas normalizantes nos processos de identificação dos estudantes com TDHA

## **Metodologia**

Fazendo uso de uma abordagem qualitativa, o trabalho vem sendo desenvolvido por meio do levantamento do Estado da Arte do tema pesquisado com o intuito de que, em conformidade com Haddad (2009), seja possível se determinar “um recorte temporal definido, sistematizar um determinado campo do conhecimento, reconhecer os principais resultados das investigações, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos a pesquisas futuras”. (pag 01)

Em seguida, por meio de um trabalho de campo, serão coletados dados com a realização, tanto de questionários quanto de entrevistas semiestruturadas que, segundo Manzini (1991), tem a sua estratégia

[...]focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista, o que pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. (pag 154)

O público alvo será formado por integrantes dos segmentos da comunidade escolar que representem a área administrativa, a coordenação pedagógica, a orientação educacional, o corpo docente, e por responsáveis de alunos diagnosticados com TDAH.

A análise dos dados coletados com a pesquisa de campo será desenvolvida buscando-se um diálogo com a obra dos seguintes autores:

Foucault (2001; 1995), para os efeitos do processo de medicalização, com base nos conceitos de “estado”, ficção da doença total, e delírio hipocondríaco, e para uma análise de uma anátomo-política sobre o corpo.

Calliman (2010), para o processo de construção histórica e consolidação do conceito de TDAH.

## **Discussão**

Partindo do entendimento teórico comparando-o com as respostas obtidas nos questionários e entrevistas, pretende-se verificar uma possível aproximação das explicações *foucaultianas* com a realidade atual da definição de criança-problema nas escolas do município do Rio de Janeiro.

Foucault deixa claro em parte de sua produção a preocupação em entender as relações de poder que geram os ditos anormais, pontuando, ainda, que a normalidade está estritamente relacionada “à maneira como as pessoas agem ou reagem está ligada a uma maneira de pensar, e esta maneira de pensar, naturalmente, está ligada à tradição.” (Foucault, 2006, p.299). Nessa mesma entrevista enaltece ainda algo que poderia ser transferido para a função escolar, “O mais

interessante na vida e no trabalho é o que permite tornar-se algo de diferente do que se era ao início.” (FOUCAULT, 2006, p.297)

Nas diversas tramas das relações de poder, os ditos comportamentos normais são frutos de assujeitamentos, impostos e assimilados, ou não nos casos de resistência. Assim sendo, na escola a sociedade molda e forma identidades, muitas vezes pressionando para mudanças de identidades, categorizado em normais e não anormais.

“Por meio de diferentes práticas – psicológica, médica, penitenciária, educativa – uma ideia, um modelo de humanidade tem tomado forma, e essa ideia de homem tem se tornado normativa, evidente e se passa por universal.” (FOUCAULT, 2006, p.299)

Contudo, foi com a noção de “estado” (introduzido por volta de 1860-70) que a psiquiatria produziu um fundo causal permanente. O “estado”, não é precisamente uma doença, mas são seus processos e episódios. Esses sim, serão considerados doença. De acordo com Foucault, “O estado pode produzir qualquer coisa, a qualquer momento e em qualquer ordem” (p. 273), como uma espécie de déficit geral das instâncias de coordenação do indivíduo.

Essa formidável medicalização do anormal é, para Foucault, algo que abarca a todos e a tudo: não se refere à saúde, embora possa englobar seu campo, e é, ao mesmo tempo, fisiológica, psicológica, sociológica e até juridicamente desviante.

Enfim, a nosografia das síndromes, dos delírios e dos estados justifica todos os processos desviantes do indivíduo. A somatização através da noção do “estado”, São três formas de somatização, segundo Foucault:

**Ficção de doença total** – uma doença polimorfa, que reúne uma qualidade considerável de sintomas e, por conta disso, de difícil diagnóstico.

**Fabulação científica da doença total** – ela é causa de diversas enfermidades: da meningite, da encefalite, mielite etc.

**Delírio hipocondríaco** – os médicos tentavam fazer com que os próprios doentes relacionassem os sintomas com o problema apresentado.

## Conclusões

A infância foi, ao mesmo tempo, nos séculos XVIII e XIX, o poder e o saber por meio dos quais a psiquiatria conseguiu se generalizar. A infância passou, então, a ser o filtro para se analisarem os comportamentos, sem a necessidade, como no caso da medicina das doenças mentais, de inscrever tal anomalia no interior de uma doença. A partir desse ponto, a infância e a infantilidade da conduta passaram a ser objeto da psiquiatria, que não se interessou mais em debelar uma doença, mas sim identificar certo estado de desequilíbrio, de “anormalidade”. A psiquiatria tentou policiar um estado que não é mais o patológico; tratava agora de algo que não deveria surgir, não deveria “normalmente” aparecer.

Espaços e atividades que busquem o caminho contrário à normatização, ao perpetuamento das relações de poder existentes, são cada vez mais importantes e valorizados.

“lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que toma os indivíduos verdadeiramente individuais.

Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo. que quebra sua relação com os outros. fragmenta a vida comunitária. força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo.” (FOUCAULT, 1995, p.23)

Neste trabalho pretendemos aprofundar-me nas discussões de Michel Foucault sobre o tema de assujeitamento, em especial sobre as relações de poder. A partir da revisão de suas entrevistas a respeito das relações do poder, verdade e si e sobre sujeito e poder. Aquelas relações que classificam e segregam, como o autor encaminhou seus estudos em temas relacionados aos marginalizados: o louco, o preso e o onanista, por exemplo. Estes sendo, muitas vezes, classificados como doentes, a partir de uma gerência social do poder médico, o Biopoder defendido pelo autor.

## Referências

Caliman, L.V. Notas sobre a história oficial do Déficit de atenção/hiperatividade. Revista psicologia: ciência e profissão, vol 30, nº 1. Brasília: 2010.

Foucault, M. (1999) Em defesa da sociedade: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ O sujeito e o poder. In H. Dreyfus; P. Rabinow (Orgs), Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hemenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1995

\_\_\_\_\_ (2001) Os anormais, (p.215-289). São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ Ditos e escritos, v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Groppa, J. (2013) A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v.18, n. 53, abr/jun.

Manzini, E.J. A entrevista na pesquisa social. In Didática: São Paulo, v 26/27, p 149-158. 1009/1991.

Ò, J. R. (2003) O governo de si mesmo. Lisboa: Educa.

\_\_\_\_\_ (2009) Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960), (p.37-74). Lisboa: Educa.